



CUIDAR, EDUCAR E BRINCAR: DESAFIOS E DESCOBERTAS DE ESTÁGIARIOS HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SILVA, José Adriano da Cruz¹
SANTOS, Wellington Alexandre²
LIMA, Laíse Soares³

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, Juventudes e Processos Educativos

RESUMO

Este estudo busca relatar e refletir sobre a experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, realizada por dois homens graduandos em Pedagogia, discutindo os desafios, as aprendizagens e as implicações da presença masculina nesse espaço educativo. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, fundamenta-se em registros de diários de campo e reflexões produzidas ao longo do estágio. A discussão se apoia em autores como Sayão (2005), Silva (2015) e Santos (2021), que analisam como a inserção masculina na Educação Infantil representa uma postura político-pedagógica voltada à desconstrução de estereótipos e à construção de uma escola mais inclusiva. Os resultados indicam que a presença masculina é atravessada por tensões sociais, como a desconfiança familiar, mas também revela potenciais, especialmente no vínculo com as crianças e na construção de uma docência sensível. A experiência reafirma o cuidado como um saber pedagógico legítimo a todos os educadores, independentemente do gênero.

Palavras-chave: Docência. Cuidado. Educação Infantil. Estágio supervisionado. Relações de gênero.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No âmbito do curso de Pedagogia, especialmente no campo da Educação Infantil, o estágio representa um dos primeiros momentos em que o futuro educador se depara diretamente com o cotidiano escolar, interagindo com crianças, famílias, professores e a gestão das creches ou pré-escolas. Esse processo possibilita uma rica articulação entre teoria e prática, elemento fundamental para a construção de uma identidade docente crítica e reflexiva acerca da realidade educacional.

O estágio para além da simples observação ou execução de atividades pedagógicas; se configura como uma experiência formativa, onde o graduando tem a oportunidade de compreender os desafios, as possibilidades e as especificidades da profissão docente. É nesse espaço que ocorrem os primeiros enfrentamentos das complexidades da prática educativa, exigindo do futuro professor conhecimento técnico, como também sensibilidade, escuta sensível e criatividade.

Ao nos inserirmos como homens nesse contexto predominantemente feminino, da Educação Infantil, nos deparamos com olhares curiosos,

¹ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. jose.adriano@delmiro.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. wellington.alexandre@delmiro.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Laise.lima@delmiro.ufal.br



questionamentos e até mesmo resistências. Historicamente, o cuidado e a educação de crianças pequenas foram socialmente atribuídos às mulheres, o que gerou uma naturalização da presença feminina nesses espaços.

De tal modo, este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, realizada por dois homens graduandos em Pedagogia, discutindo os desafios, as aprendizagens e as implicações da presença masculina nesse espaço educativo. Através de uma abordagem qualitativa e descritiva, buscamos compreender o nosso lugar como futuros professores e contribuir para o debate sobre a importância da diversidade de gênero em todos os níveis da educação.

OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA

Relatar e refletir sobre a experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, realizada por dois homens graduandos em Pedagogia, discutindo os desafios, as aprendizagens e as implicações da presença masculina nesse espaço educativo.

DESCRIÇÃO DETALHADA DA EXPERIÊNCIA

A experiência retratada neste estudo articula observações realizadas no estágio supervisionado em Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas UFAL – Campus do Sertão. O estágio foi realizado no mês de abril e maio de 2025 com carga horária de 120 horas. O uso de diários de campo como fonte principal de dados possibilitou o registro detalhado das interações com as crianças, com os demais profissionais da escola e com as famílias, bem como das percepções subjetivas dos estagiários frente às situações vividas.

Por se tratar de uma investigação ancorada na auto-observação e na reflexão sobre a prática, este trabalho também se insere na perspectiva da pesquisa-formação, que valoriza o processo de construção do conhecimento a partir da experiência vivida e da escrita reflexiva como forma de aprofundamento crítico e profissional.

Deste modo, serão analisados os episódios correspondentes a chegada de dois homens à sala de referência na Educação Infantil, o que foi motivo de grande curiosidade e alegria para as crianças, pois representou algo novo em seu cotidiano.





No início, algumas nos chamavam de “pai”, e éramos vistos principalmente como parceiros dos meninos. Ainda, retratamos como a equipe pedagógica nos acolheu nesse percurso e quais as perspectivas dos familiares.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, a Educação Infantil no Brasil é um campo majoritariamente feminino, construído sobre discursos sociais que vinculam o cuidado e a educação de crianças pequenas ao universo das mulheres. A entrada de homens nesse espaço educativo é um fenômeno recente, que ainda enfrenta resistências culturais, institucionais e familiares (Sayão, 2005).

Sayão (2005) destaca que os homens que ingressam na Educação Infantil enfrentam desafios específicos para afirmar sua identidade profissional, sendo constantemente questionados quanto à sua motivação e ao seu lugar nesse ambiente. Esses estigmas afetam a construção da autoestima profissional e demandam a criação de estratégias para lidar com olhares desconfiados, tanto de colegas quanto das famílias.

Silva (2015) aprofunda essa discussão ao mostrar que a docência masculina na Educação Infantil ocupa "lugares (des)ocupados", marcados por contradições: ao mesmo tempo em que há incentivos à diversidade de gênero nas escolas, há também a manutenção de estruturas que afastam os homens do trabalho com crianças pequenas. Isso revela uma ambivalência que precisa ser enfrentada através da formação inicial e de políticas institucionais de acolhimento à diversidade docente.

A presença de homens na Educação Infantil coloca em debate as relações de gênero no interior da escola. A imagem tradicional do professor como “provedor de conhecimento” é confrontada com as exigências da prática cotidiana na Educação Infantil, que envolve afeto, escuta e cuidado, práticas historicamente feminilizadas (Campos et al., 2022).

Nesse contexto, torna-se necessário repensar o cuidado como uma competência humana e docente, e não como uma extensão dos papéis tradicionais de gênero. Silva (2014) em um dos títulos de seus trabalhos ao afirmar “Não sou tio, nem pai, sou professor!”, destaca a luta simbólica dos homens para que sua atuação





seja reconhecida dentro dos marcos da profissionalização docente, e não como substituto de figuras paternas ou como exceção no universo infantil.

Quando os homens participam ativamente das brincadeiras, da escuta das crianças e da rotina escolar, constroem um novo modelo de professor: sensível e comprometido com o desenvolvimento integral das crianças.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Com base nas observações e registros realizados ao longo do estágio supervisionado, analisamos como a presença masculina na Educação Infantil constitui um campo marcado por tensões e ambivalências, nas quais acolhimento e desconfiança se manifestam de forma simultânea. Os resultados aqui apresentados permitem compreender não apenas os desafios enfrentados pelos estagiários, mas também as reações da comunidade escolar e o impacto dessa presença no desenvolvimento das crianças e na construção da identidade docente masculina.

A inserção dos estagiários no cotidiano escolar ocorreu de forma inicialmente tranquila, especialmente porque a instituição já contava com a presença de um professor do sexo masculino, o que facilitou a acolhida por parte dos profissionais da escola. No entanto, essa receptividade não se estendeu a todos os familiares, pois foram percebidas reações sutis de resistência, como o direcionamento exclusivo de demandas às professoras titulares e a evitação do contato direto com os estagiários. Tais atitudes revelam o profundo enraizamento de estereótipos de gênero que vinculam o cuidado infantil à figura feminina, dificultando a aceitação plena da presença masculina nesse campo. Como aponta Silva (2015, p.87), “os professores homens, na Educação Infantil, precisam negociar constantemente sua identidade entre o desejo de exercer uma docência sensível e a necessidade de se proteger de julgamentos sociais”.

As anotações nos diários de campo evidenciaram que essa vigilância externa foi, em muitos momentos, internalizada pelos próprios estagiários, gerando insegurança e prudência no exercício da prática. Ações corriqueiras e afetuosas, como segurar a mão de uma criança ou ajudá-la a trocar de roupa, passaram a ser moduladas com receio de interpretações equivocadas. Essa tensão revela o quanto o cuidado, embora essencial à prática pedagógica na Educação Infantil, ainda é





socialmente vigiado e estigmatizado quando exercido por homens. Silva (2014, p.130) denomina essa condição de “vigilância simbólica constante”, que “os obriga a modular suas ações de modo a se protegerem, muitas vezes, da própria afetividade”.

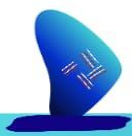
Em contraponto às reservas demonstradas por alguns adultos, a recepção das crianças foi marcada pela espontaneidade, afetividade e aceitação imediata. Desde os primeiros dias, elas demonstraram interesse, curiosidade e entusiasmo com a presença dos estagiários, estabelecendo vínculos significativos por meio de brincadeiras, conversas e interações cotidianas.

É importante destacar que essa resposta positiva das crianças esteve diretamente relacionada à proposta pedagógica que desenvolvemos durante a regência. Observamos que a rotina da turma era fortemente marcada por atividades repetitivas, como preenchimento de fichas xerocadas e escrita mecânica, com pouca variedade de experiências. Práticas como a contação de histórias, por exemplo, não faziam parte do cotidiano escolar.

Buscamos oferecer atividades que respeitassem os direitos de aprendizagem na infância, valorizando múltiplas formas de expressão e reconhecendo as crianças como sujeitos ativos e criativos. Introduzimos brincadeiras, vivências corporais, músicas e, especialmente, momentos de contação de histórias, que logo se tornaram os mais aguardados pelas crianças.

Ao final do período de regência as crianças já estavam familiarizadas com a nossa rotina, demonstrando entusiasmo pelas brincadeiras, pelas histórias contadas e pelas interações que propúnhamos. Essa resposta positiva reforçou a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com as múltiplas linguagens da infância e que rompam com a rigidez de propostas tradicionais. Uma dinâmica que confirma a análise de Santos (2021, p.9), segundo a qual as crianças não apenas reconhecem os professores homens como figuras de autoridade afetiva, mas também atribuem a eles papéis relevantes no seu processo de desenvolvimento emocional e social. O autor observa que “os professores homens, quando se mostram disponíveis para escutar, brincar e cuidar, tornam-se figuras afetivas significativas para as crianças, rompendo com estereótipos e ampliando os repertórios simbólicos dos pequenos”.

A convivência diária revelou que, para as crianças, a legitimidade do professor não está ancorada no gênero, mas na qualidade da relação estabelecida. A escuta ativa, o acolhimento emocional e o envolvimento lúdico foram os elementos que





possibilitaram a construção de laços de confiança, desafiando concepções adultocêntricas sobre os limites da atuação masculina no campo da infância.

Assim, com o avançar das experiências, os estagiários passaram a ser gradualmente reconhecidos como integrantes efetivos da equipe pedagógica, sobretudo pela consistência das práticas realizadas e pelo comprometimento demonstrado nas atividades escolares. A atuação em contação de histórias, mediações lúdicas e momentos de cuidado contribuiu para desconstruir a ideia do homem como figura alheia ao espaço da infância, legitimando sua presença como educativa e afetiva.

A vivência também favoreceu uma reflexão crítica sobre a construção da identidade docente masculina. Envolvidos em atividades que exigiam empatia e escuta sensível, os próprios estagiários puderam reconhecer o cuidado como um saber pedagógico legítimo, que não se restringe ao universo feminino. Nesse sentido, reafirma-se a defesa de Sayão (2005), de que é preciso desnaturalizar a associação entre cuidado e vocação feminina, compreendendo o cuidado como competência profissional de todos os educadores. Dessa forma, a experiência de estágio foi além da observação e da prática pedagógica com crianças pequenas: ela se configurou como uma vivência político-pedagógica de enfrentamento inicial aos estereótipos e às normatizações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio supervisionado na Educação Infantil, vivenciada pelos acadêmicos do sexo masculino, revelou-se uma oportunidade formativa profundamente significativa e transformadora. Inseridos em um espaço historicamente marcado pela feminização das práticas de cuidado e ensino, os estagiários enfrentaram resistências, vigilâncias simbólicas e expectativas sociais que desafiaram não apenas sua presença física, mas também sua identidade profissional em construção.

Ao longo da trajetória, observou-se que, embora persistam estigmas de gênero no cotidiano das instituições, a presença masculina, quando pautada na escuta sensível, no cuidado ético e no envolvimento pedagógico, é capaz de desconstruir estereótipos e ampliar os horizontes formativos de crianças e adultos. A





aceitação espontânea e afetiva das crianças destacou-se no processo, evidenciando que o vínculo educativo se constrói muito mais pela qualidade da interação do que por construções sociais de gênero.

Além disso, o estágio possibilitou aos futuros docentes uma reflexão crítica sobre sua própria atuação, provocando deslocamentos teóricos e práticos em relação ao papel masculino na docência para a infância. A experiência demonstrou que o cuidado pode e deve ser compreendido como um saber pedagógico legítimo, acessível e necessário a todos os educadores, independentemente de seu gênero.

Conclui-se, portanto, que a presença de homens na Educação Infantil representa uma prática político-pedagógica que tensiona normas culturais arraigadas e contribui para a construção de uma escola mais inclusiva e diversa. O enfrentamento às resistências, longe de ser um obstáculo intransponível, apresenta-se como um exercício formativo, no qual se constroem novos sentidos da docência e para as relações de gênero na educação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, K. P. B.; GUMERCINDO, P. de S. R.; CARVALHO, M. E. P. de. Homens na Educação Infantil: Uma Problematisação sobre a Condição Docente. **Revista Interacções**, [S. l.], v. 18, n. 61, p. 141–162, 2022.

SANTOS, S. V. S. dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2021, vol.26, e260077. Epub Oct 28, 2021.

SAYÃO, T. D. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creches. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005. 274 fls.

Silva, B. L. B. **A presença de homens docentes na educação infantil**: lugares (des)ocupados. Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SILVA, P. R. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na educação infantil. 2014. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

